



## **“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Movimentos Sociais e Serviço Social

**Sub-eixo:** Movimentos Sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional

**OS MOVIMENTOS SOCIAIS E IDENTIDADES (RE)CONSTRUÍDAS:** debates

latentes

**SOCIAL MOVEMENTS AND (RE) CONSTRUCTED IDENTITIES:** latent debates

LARISSA RAMALHO PEREIRA <sup>1</sup>

**RESUMO:** o presente trabalho tem como propósito discutir os significados práticos das manifestações sociais ocorridas neste último quartil do século XIX, em particular as de Maio de 2018, insurgidas pelos caminhoneiros no Brasil. Esta produção é parte da pesquisa de doutoramento, apresentada ao PPGSS da PUCRS, em março de 2021.

**PALAVRAS-CHAVE:** movimentos sociais; manifestações; identidades construídas.

**ABSTRACT:** The present work aims to discuss the practical meanings of the social manifestations that took place in this last quartile of the 19th century, in particular those of May 2018, raised by truck drivers in Brazil. This production is part of the doctoral research, presented to the PPGSS of PUCRS, in March 2021.

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal De Santa Maria

---

**KEYWORDS:** social movements; manifestations; constructed identities.

## 1 INTRODUÇÃO

A situação atual do mundo, em particular do Brasil, tem demonstrado uma tendência de suspeitar de tudo que venha do Estado e de questionar seu papel e sua eficácia. Perigoso, ao passo que se percebe uma rejeição generalizada ao Estado e ao sistema político vigente. Nessa maré de frustrações e desesperanças, há uma crise de legitimidade de ação estatal, afetada diretamente pela crise econômica e política que tem assolado o País há mais de uma década, mas também de uma crise moral e ética que aniquila vidas/sonhos em prol de poder e dinheiro. Os reflexos dessa crise se estendem para o âmbito social, facilmente constatados pelo aumento do desemprego, da violência, da fome, da precarização no atendimento à saúde e da qualidade da educação, da criminalização dos movimentos sociais, entre outras expressões da questão social. Esse cenário gera desalento àqueles que clamam atenção do Estado, a fim de que o mesmo lhes garanta uma rede de proteção social que amortecia a queda e reconheça suas reivindicações.

Em tempos de pandemia mundial como a vivenciada desde 2020, é preciso mais do que governantes, as nações precisam de líderes, sujeitos que protejam e resguardem a população de toda a ameaça que a ronda. No decorrer de um ano do Covid-19 que assolou o planeta, foi possível constatar quais nações de fato contaram com líderes responsáveis preocupados com sua população, tratando de adotar medidas que protegessem e resguardassem vidas. No Brasil, já foram registrados mais de 640 mil mortos pela doença, em sua maioria, a parcela mais pobre e vulnerável da população brasileira que não dispõe de acesso rápido e adequado para o combate à doença. De acordo com pesquisa realizada pela CNN Brasil<sup>2</sup>, com base nos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, ao analisar

---

2 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por->

os índices de mortos pela Covid-19, observou-se que 57% são pretos e pardos<sup>3</sup>, enquanto os brancos representam 41% desse total. Isso é reflexo da posição desigual dos negros no Brasil, considerando que eles congregam a maior parte do contingente de trabalhadores informais que, durante a pandemia, não puderam deixar de exercer alguma atividade laborativa que mantivesse o sustento das famílias. Portanto, em determinados casos, foram os últimos a recorrer a tratamento e, quando atendidos, em muitos episódios, foram precarizados ou foi tarde demais.

Desde sempre, a história tem cumprido um importante papel de ensinar aos indivíduos os fundamentos de seu presente, alicerçados pelos fatos do passado. Muito embora apenas saberão ler e apreender com este percurso aqueles que se despirem de saberes absolutos e conclusões prévias, ou mesmo precipitadas. Parte-se deste ponto, tendo em vista que 2018 combinou um ciclo de revoltas e manifestações em âmbito global, as quais impulsionaram mudanças relevantes à sociedade. Justamente no momento em que se presencia no mundo um novo ciclo de irrupções democráticas, não só no Brasil, resultado do vultuoso Junho de 2013, mas também a chamada Primavera Árabe, que derrubou ditaduras e, contraditoriamente, instaurou inúmeras guerras civis.

Esses ciclos de revoltas e manifestações são interpretados a partir de diferentes perspectivas. Há quem considere que Junho de 2013 ainda não terminou e que representou um perigo à democracia brasileira, uma vez que, na esteira dessa história, levou ao impedimento de uma presidente legitimamente eleita e à prisão do ex-presidente mais popular do período democrático do País. Entretanto, não se pode deixar de considerar as transformações que se deram a partir daquele momento, no que tange às “primaveras feminista e secundarista”, entre os anos de 2015 e 2016, bem como o impulso para a renovação dos parlamentos municipais, quando novos atores políticos surgem e se destacam no cenário brasileiro, exemplo da vereadora Marielle Franco, que foi assassinada. É imprescindível que a análise diagnóstica aborde diferentes perspectivas acerca da história, pois, apesar dos fatos não

---

[coronavirus-no-brasil](#). Acesso em 05 de jan 2020.

3 Para fins de classificação, o Ministério da Saúde utilizou a categorização de pretos e pardos. Enquanto que, para as discussões sociohistóricas e sociológicas, utiliza-se a categorização de negros.

mudarem, ainda assim, os mesmos poderão ser apreendidos a partir de distintos prismas.

Este novo ciclo de revoltas e manifestações tem demonstrado, em âmbito global, movimentos cada vez mais regressivos, que, temendo perder espaços de poder e controle, lançam mão das formas mais violentas, reacionárias e antidemocráticas possíveis. A exemplo disso, no Brasil, vivenciou-se, em maio de 2018, a paralisação dos caminhoneiros, e com o objetivo de encerrar a greve o governo anunciou a Medida Provisória nº 839, que estabelece subsídios fiscais de R\$ 9,58 bilhões ao óleo diesel no país. Mas, se cada vez mais as políticas sociais têm sido alvos de cortes e reajustes com a justificativa de um déficit no orçamento da União, de onde viria tal recurso? Antes de tal anúncio, na tentativa falha de cessar a greve, o governo lançou mão das forças militares de repressão, ameaçando utilizar-se das forças armadas caso os bloqueios perdurassem. O governo tentou ainda creditar culpa à paralisação, no que diz respeito à precarização da saúde, educação e transporte, tendo em vista a falta de abastecimento de produtos e demais transtornos que seriam oriundos da greve. Por conseguinte, mais uma vez, deslegitimar as greves como instrumentos de defesa de direitos da classe trabalhadora apresenta-se como estratégia de manutenção do poder dominante.

A conta da crise tem recaído cada vez mais à classe trabalhadora, pois as desigualdades “não resultaram na união de 99% da população global que detêm riqueza equivalente ao 1% restante. Pelo contrário, é grande a quantidade de muros construídos no campo dos 99%” (NOBRE, 2018, p. 30). A tendência é que esses muros ao redor dos 99% só aumente, caso esse cenário não se altere, caso as regras de redistribuição da riqueza socialmente produzida não seja redimensionada e redirecionada de forma equânime. A classe trabalhadora não pode ser responsabilizada pela crise política, econômica e social. E seu melhor e maior instrumento de resistência continua sendo as lutas coletivas, as mobilizações e paralisações impetradas nas ruas e espaços públicos da sociedade. A saída da crise dependerá do equilíbrio das forças de classe “do grau com que a massa da população se levanta e diz: ‘Já basta, vamos mudar o sistema” (HARVEY, 2011, p. 18).

Nesta ordem, a tese de doutoramento defendida pela autora de março de 2021, junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da PUCRS, intitulada “*O campo das manifestações populares: um estudo do movimento dos caminhoneiros*”, tratou de estudar os determinantes e repercussões políticas, econômicas e sociais atribuídas às manifestações, em particular, a de Maio de 2018, dirigidas pelos caminhoneiros no Brasil.

Neste sentido, o presente artigo é um extrato da pesquisa realizada no âmbito do doutoramento, com vistas a cumprir com o compromisso social e acadêmico em publicizar as pesquisas científicas e devolvê-las à sociedade, a fim de colaborar para nos debates para o avanço e resolução de problemas concretos. Nesta ordem, o desenvolvimento desse trabalho, apoia-se na *abordagem teórico-metodológica orientada pelo método dialético-crítico*, de caráter *quanti-qualitativo ou misto* para a investigação e análise dos dados macroeconômicos e políticos da conjuntura brasileira do ano de 2018. Em consonância ao proposto, a abordagem metodológica adotada é a mais adequada, por tratar-se de um posicionamento ético-político profissional da doutoranda, quanto por apreender os múltiplos aspectos da realidade, transcendendo a análises fragmentárias e superficiais. O objetivo é alcançar a essência dos fenômenos através da relação entre aparência e essência, entendendo que constituem objetos em movimento, e que o fim de um processo é sempre o começo de outro. Neste sentido, a dialética situa-se no plano concreto e histórico da realidade, sob a forma da trama das relações contraditórias, conflitantes, de desenvolvimento e transformações dos fatos (FRIGOTO, 1987). Das categorias do método, a contradição e a mediação são a espinhal dorsal desta tese, já que as manifestações de protesto mais contemporâneas apresentam diversas facetas e requerem mediações sócio-históricas para apreendê-las em suas particularidades. Sendo assim, na sequência da introdução apresentar-se-á o segundo item que tratará dos significados práticos das manifestações, os alcances sociais e políticos que a história tem demonstrado, seguido das considerações finais.

## **2 SIGNIFICADOS PRÁTICOS DAS MANIFESTAÇÕES**

Manifestar-se consiste em um ato genuíno do ser humano. Toda criança é impelida a fazê-lo; por meio do choro se estabelece um canal de comunicação para expressar algum tipo de incomodo, ou mesmo de solicitação. Na idade adulta, as carências se transformam, bem como as formas de expressão das mesmas. As práticas de manifestação se intensificam, ao passo que algumas se alteram de acordo com o contexto social, político e econômico no qual se está inserido.

Assim, buscam-se outras maneiras de expressar desejos e anseios, medos e sonhos, certezas e incertezas. Portas de banheiros ou classes escolares são, muitas vezes, instrumentos de recado; muros e prédios, casas e praças são alvos de grafiteagem que minutam mensagens breves de anônimos acerca de temas diversos, insatisfações políticas ou, por vezes, declaração de amor (essas mais raras). A arte também é uma maneira simbólica de dar sentido ao viver, através de uma música, de uma apresentação teatral, de um poema é possível dar sentido ao caos diário e resistir a tempos de instabilidade, insegurança e medo.

Muitas coisas podem ser potenciais canais de emissão de significados: sermões religiosos, cartas, e-mails, rituais (como casamentos e batizados) etc. Por isso, a palavra consiste em uma poderosa ferramenta de transmissão de informação. Com os avanços tecnológicos, as mídias digitais e informacionais têm permitido que as palavras sejam salvas e repassadas para lugares longínquos. A história das sociedades demonstra claramente como as elites se apropriaram da linguagem escrita para permanecer dominando e armazenando o conhecimento para si, “usavam a língua escrita para seus próprios fins (especialmente manter o registro de quem havia pago suas dívidas e impostos), mas com o crescimento da alfabetização cresceu também a capacidade das palavras de mobilizar pessoas” (JASPER, 2016, p. 65). A imagem acompanha muitas vezes a forma escrita, mas sozinha não deixa a desejar, pois carrega consigo sua singular tradução.

Hoje em dia, imagens em movimento são tão baratas que os protestos são transmitidos ao vivo pela internet, disponível em todo mundo. Foi o que aconteceu durante todos os eventos do Occupy, apesar das frequentes interferências e detenções feitas por policiais, os quais reconheciam que nada lhes poderia causar problemas mais rapidamente do que serem mostrados em vídeo molestando ou

punindo, para não dizer espancado, um manifestante pacífico (JASPER, 2016, p. 66-67).

Acredita-se que as manifestações tomam um espaço importante na vida das pessoas, mesmo que não as reconheçam, por vezes. O comentário postado em rede social é uma forma aceitável de opinar publicamente sobre determinado assunto. Entretanto, muitas manifestações de coletivos, grupos ou movimentos sociais ainda são rotulados como atos desordeiros ou impulsionados por “desocupados”, ainda que tratem dos mesmos temas debatidos cotidianamente em rede sociais ou espaços como grupos de *WhatsApp*. A questão é por quê? Neste caso das manifestações coletivas ocorridas em praças, ruas e vias públicas tendem a ser noticiadas de forma bastante negativa, pois muitas delas expõem aquilo que está mais obscuro nas sociedades, tudo o que não se quer reconhecer ou mesmo desocultar. Apesar disso, os manifestantes fazem questão de ser capa e notícia de jornais. Suas performances são propagadoras de mensagens, dentre elas, uma essencial: *nós estamos aqui, mesmo que não gostem, ou não nos reconheçam, ainda estamos aqui*.

Então, quando as pessoas se reúnem nas ruas, uma implicação parece clara: elas ainda estão aqui e lá; elas persistem; elas se reúnem em assembleia e manifestam, assim, o entendimento de que a sua situação é compartilhada, ou o começo desse entendimento. [...] os corpos em assembleia “dizem”: “nós não somos descartáveis”, não importando que estejam ou não usando palavras no momento; o que eles dizem, por assim dizer, é “ainda estamos aqui, persistindo, reivindicando mais justiça, uma libertação da precariedade, a possibilidade de uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 32).

Fica evidenciado que as manifestações públicas em espaços públicos são uma maneira poderosa de dar vez e voz a questões e temas marginalizados, mas principalmente aos sujeitos que são expressão de tudo isso. Neste sentido, a linguagem atua de forma poderosa, atrás da performatividade pode-se produzir uma nova situação ou acionar um conjunto de efeitos (BUTLER, 2018). Essa, por sua vez, “caracteriza primeiro, e acima de tudo, aquela característica dos anunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz um fenômeno à existência” (BUTLER, 2018, p. 35). Observa-se que nas ondas de manifestações ocorridas pelo mundo nos últimos dez anos, um tema comum entre

todas elas diz respeito à justiça social, ética na política e defesa pela democracia. Certas vezes, as manifestações foram acusadas de não apresentarem uma demanda, uma bandeira de luta objetiva, mas esse argumento se esvazia de sentido à medida que lutar por justiça não cabe em apenas uma bandeira de luta, e sim em um conjunto de ideais a serem alcançadas.

Para tanto, essa é uma das características dos novíssimos<sup>4</sup> movimentos sociais e dos sujeitos que os integram. São capazes de conviver com uma diversidade de pessoas que lutam por bandeiras diversas, que podem ou não ser da mesma corrente ideológica, que podem ou não ser religiosos. O fato é que eles rejeitam veementemente a verticalidade e centralidade nas decisões, bem como não há uma ideologia hegemônica, utopia ou sonho unívoco que os inspirem (GOHN, 2014, p. 432). Desta forma, o movimento se faz no cotidiano, sem elaborar grandes planos e sem definir líderes únicos e coordenações verticalizadas, todos são lideranças do coletivo.

Alguns retiram da esquerda ensinamentos sobre a luta contra o capital e as formas de controle e dominação do capitalismo contemporâneo, na busca da emancipação. Do anarquismo e do socialismo libertário, grupos ressuscitam e renovam leituras sobre a solidariedade, a liberdade dos indivíduos, a autogestão, e esquecida fraternidade, retomada nas ações de enfrentamento à repressão policial. Há também um novo humanismo na ação de alguns, expresso em visões holísticas e comunitaristas, que critica a sociedade de consumo, o egoísmo, a violência cotidiana – real ou monitorada pelo medo nas manchetes diárias sobre assaltos, roubos, mortes etc., a destruição que o consumo de drogas está causando na juventude e outros. Busca-se reumanizar os indivíduos, promover a paz, combater a violência. Muitos não têm formação alguma, estão aprendendo na luta do dia a dia, formatando seus valores conforme o calor da hora (GOHN, 2014, p. 432).

Isso posto, fica evidente que o que lhes motiva é a insatisfação, o desencantamento, a descrença no cenário ético-político, no mercado de trabalho, na estrutura estatal, todos esses elementos só lhes permitem sentir mais insegurança e

---

4 Observa-se que, na literatura acadêmica, há uma divisão entre os chamados movimentos sociais dito antigos e os novos movimentos, mais recentemente, incluiu-se a esse conjunto de categorizações os novíssimos movimentos sociais. Os novos movimentos sociais surgidos na segunda metade do século XX, onde as questões de identidade (feminismo, LGBT entre outros) compunham a articulação do grupo e não apenas aspectos relativos à questão econômica e produtiva como os de primeira geração ditos de antigos movimentos sociais que compreenderam o século XIX e a primeira metade do século XX. Esses movimentos organizavam-se em torno de pautas operárias e sindicais, sua organização interna era muito hierarquizada, caracterizam-se por estruturas mais rígidas, semelhantes a partidos políticos. Embora os novíssimos movimentos sociais, que marcam o século XXI, rompam com essa perspectiva organizativa, as pautas de luta integram tanto bandeiras operárias como questões identitárias. Cabe ainda salientar que, apesar da categorização em torno dos movimentos sociais, isso não significou a supressão da existência de um deles no decorrer da história.

instabilidade no convívio humano-social e nas relações democráticas. Para os movimentos sociais, as liberdades democráticas são cruciais, pois garantem a livre manifestação, diferentemente dos períodos ditatoriais, onde a repressão e a violência eram uma tônica comum. Esses novos sujeitos da cena contemporânea são na maioria jovens em idade de formação profissional, não conseguem vislumbrar um futuro profícuo para si e seus pares, já sentem os desgostos da vida adulta, desde familiares desempregados a dificuldades de acessar serviços de saúde, educação e de mobilidade urbana. Em suma, a precarização das relações e da vida decorrem da intensificação do individualismo, do consumo exacerbado, da acumulação desmedida, da espoliação do trabalho, da efemeridade das relações e das coisas, ou seja, são aspectos econômicos e subjetivos estreitamente ligados à narrativa neoliberal, que fazem com que esses novos sujeitos precarizados tomem a cena contemporânea e lutem por melhores condições de vida em sociedade.

Cartazes construídos por eles mesmos, em cartolinas, panos ou pedaços de papelão, descrevem os sentimentos que os levaram a tomar as ruas. Durante as manifestações de Junho de 2013, no Brasil, deixaram muito claro o tom das insatisfações: *O pão tá caro e o circo perdeu a graça; Desculpem o transtorno, estamos mudando o país; Nossos sonhos valem mais que 0,20*. As reivindicações apontam que a luta não é por um ajuste ou simples reformas, requer uma mudança profunda de modelo de desenvolvimento. Gohn trata como falsa a afirmação que os movimentos não tinham metas, propostas, projetos “suas metas estão na base de outro desenvolvimento, voltadas para escolhas de outras prioridades nas políticas públicas, e para outros parâmetros éticos dos políticos que ocupam cargos públicos” (GOHN, 2014, p. 433).

Esses movimentos impulsionados por jovens apresentam uma profunda descrença na política e na categoria de políticos. O desejo é que o país construa um outro modelo de política alicerçada na ética e na democracia, um outro modelo de sociabilidade humana. Não negam a importância do papel do Estado, mas exigem mais eficiência e eficácia nas suas ações. “Aqueles que decretam a morte das utopias precisam rever suas ideias. A nova geração de jovens que se organizou e foi às ruas em Junho de 2013 não se identifica com as formas organizativas existentes,

e eles estão atentos ao modelo de sociedade em que vivem” (GOHN, 2014, p. 436). A mensagem que fica é que o consumo desenfreado não tem gerado felicidade, muito menos qualidade de vida e a nova geração de manifestantes não está interessada nesse modelo de consumo.

Aos sons de batuques ou palmas foram levando multidões às ruas, nada de carros de som como se via nos protestos de sindicatos e outros, o tom desses novíssimos movimentos é dado pela voz do povo. É importante observar que boa parte dos jovens que impulsionou as manifestações de rua já se organizavam em coletivos, a exemplo os de Salvador em 2003 (conhecido como Revolta do Buzu), de Florianópolis em 2004 (Revolta da Catraca), e o ativismo do CMI (Centro de Mídia Independente). Desses surge o Movimento Passe Livre (MPL), criado oficialmente em 2005, no Fórum Social Mundial ocorrido na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O MPL foi o movimento que atuou decisivamente nos atos de protestos de Junho de 2013, convocando e ativando a vontade de fazer ver e escutar.

Na nossa interpretação, as manifestações são movimentos que construíram significados novos para as lutas sociais (essa sim, uma categoria mais ampla). E construíram esses novos significados porque novos sujeitos entraram em cena, com práticas diferenciadas, valores, formas de ação e procedimentos discursivos (bastante modernos, quando *online*, antigos e rudimentares, quando em cartazes) (GOHN, 2014, p. 435).

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, bem como os de locomoção, contribuíram sem dúvida nenhuma para a desterritorialização dos novos modelos culturais, os quais incidiram diretamente na organização, articulação e atuação dos novos e dos novíssimos movimentos sociais. As novas tecnologias, em especial a Internet, tiveram um importante papel na capacidade de organização e mobilização dos grupos que, por vezes, são bastante heterogêneos, em se tratando dos novíssimos movimentos sociais. Reduziram não apenas os custos de mobilização, mas também a interação e integração dos movimentos diferentes. Neste sentido, “a internet é utilizada quer para reduzir os custos logísticos das mobilizações, quer de maneira cognitiva, na difusão de informações, mas também

para elaboração de uma identidade comum pela troca de opiniões e, por fim, como instrumento de protesto” (DELLA PORTA, 2007, p. 143), o que fica evidente em determinados grupos e coletivos, os quais lançam mão dos recursos das redes e tecnologias digitais para difundirem suas ideias e participarem ativamente de manifestações. A exemplo do *Anonymous*, grupo que se faz presente em diversas manifestações pelo mundo e que no Brasil participou da segunda fase das manifestações de Junho de 2013. Antes disso, em 2011, os grupos operaram contra os governos da Tunísia e do Egito, na denominada Primavera Árabe, além de participarem do *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos. “Um destaque desse grupo é que a maioria deles esconde sua identidade, ao contrário de lideranças dos chamados novos movimentos sociais das últimas década do século XX que se firmavam pela explicitação e defesa de sua identidade” (GOHN, 2014, p. 52). Em 2010, estiveram em destaque na mídia após o governo americano decretar o fechamento das contas vinculadas ao WikiLeaks, site responsável por expor documentos e reportagens sigilosas do governo e de suas relações.

A máscara de Guy Fawkes, usada no Reino Unido para comemorar o fracasso de uma tentativa, por parte de católicos, de explodir o parlamento em 1605, foi usada em histórias em quadrinhos e depois num filme de 2006, *V de Vingança*, como símbolo anarquista de resistência à corrupção empresarial e política. O grupo *Anonymous* gosta dela porque esconde indivíduos ao mesmo tempo que acentua a solidariedade do grupo. Em 2012, um grupo de parlamentares poloneses chegou a usar essa máscara numa demonstração de desacordo com um tratado neoliberal contra o comércio de artigos falsificados (JASPER, 2016, p. 70).

No Brasil, apesar da forte presença do *Anonymous* na divulgação dos protestos e na disseminação de informações e articulação solidária à fase inicial do movimento pela redução das tarifas de ônibus e contra Copa, onde mais se tornou possível sentir sua presença foi nas ruas, por meio do uso das máscaras Guy Fawkes. Com a intensificação dos ciclos de violência na segunda fase das manifestações de Junho, os mascarados passaram a se isolar, deixando a cena para o grupo que dominou os confrontos: Os Black Blocs também são outro grupo que apresenta formas, ou, como preferem definir, táticas de manifestação distintas dos habituais. Eles compreendem que manifestações ditas “pacíficas” não apresentam o mesmo nível de atenção que requerem para instigar ações efetivas de mudança por parte dos governantes. Para eles é preciso que sejam atingidos

significativos símbolos do capitalismo global, como bancos e grandes estabelecimentos comerciais de marcas consagradas, ou seja, a propriedade privada, coração do capitalismo. A violência simbólica demarca claramente pelo que estão lutando: pelo fim da exploração e, por conseguinte, do capitalismo. Parte do conjunto dos manifestantes desse movimento defende que os Black Blocs não são movimento social e sim uma tática de guerrilha.

[...] trata-se de um movimento que tem alcance internacional; o modelo Black Blocs se reproduz em várias partes do mundo e na reprodução adotam-se as táticas preconizadas pelos ideólogos que o criaram – o uso da violência nos contextos e os significados que eles lhe atribuem. Como repudiam as formas da democracia representativa, adotam a ação direta como tática de luta. E, para eles, a ação direta inclui a violência (GOHN, 2014, p. 59).

Professora da Unifesp que desenvolve pesquisa sobre os Black Blocs, em entrevista ao O Estado de São Paulo, em 03 de novembro de 2013, disse que: “Muitos Black Blocs já me disseram que, para eles, a violência é a única forma de expressão pela qual, de fato, são ouvidos. É difícil contestar esse raciocínio. Se a imprensa só dá voz às formas de protesto violento, se o governo reage com mais força diante do fator violência, como impedir que a violência se torne uma forma de protesto generalizada? A violência como forma de protesto não estaria sendo legitimada e reforçada por toda sociedade que joga o jogo da espetacularização?” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2013). Essa violência performática, a qual segue um determinado esquema: depredar bancos e lojas de grandes marcas busca ressignificar o ato da violência, presente e consentida no cotidiano da sociedade, enquanto uma forma de se expressar socialmente. A desobediência civil, a recusa à ordem estabelecida, o questionamento ao sistema e à política é o DNA dessa organização.

A violência simbólica é uma marca das manifestações desse último período. Quando em 2013 surgiram os “rolezinhos”, jovens da periferia marcando via rede social idas aos shoppings das cidades para passear, namorar e se divertir como todos nessa idade costumam fazer, muitos desses espaços ditos “públicos” fecharam seus estabelecimentos devido ao temor que se espalhava entre clientes e parcela dos funcionários. Em um país como o Brasil, com um largo histórico de

segregação, exploração e opressão da população negra e pobre não deveria causar tanto espanto, mas esses acontecimentos se dão ainda no calor dos vividos em Junho.

A cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado reproduziu em seu livro “Amanhã vai ser maior” uma postagem sua feita em rede social, onde relatava a experiência de acompanhar um grupo da periferia de Porto Alegre para um rolê em determinado shopping da cidade:

Eles nos mostravam as marcas e lojas de que gostavam. Contavam como faziam de tudo para adquirir esses bens. Havia prazer e orgulho nesse ato de descer até o shopping. Eles não queriam assustar, porque nem imaginavam que a discriminação fosse grande a ponto de causar medo. Muito pelo contrário: faziam um ritual de se vestir, usar as melhores marcas e estar dignos de transitar pelo shopping. Uma vez um menino disse que usava as melhores roupas e marcas para ir ao shopping e ser visto como gente. [...] Um funcionário de uma famosa marca de tênis uma vez declarou para pesquisa: “nós nos envergonhamos desse fenômeno de apropriação da nossa marca por esses marginais”. Mas os meninos nos diziam: “As marcas deveriam nos pagar para fazermos propaganda, porque nós as amamos. Sem marca, você é um lixo” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 45).

Fica evidenciada a violência sofrida e naturalizada pelo conjunto da sociedade a essa parcela pobre e preta da população. Não obstante, é um movimento ambíguo, mas ainda assim importante, já que a ação de ir ao shopping pode se caracterizar como política, pois mesmo a sociedade não aprovando os jovens negros e pobres (re)existem. Embora ambíguo, uma vez que a adoração a símbolos de poder, como marcas consagradas, enfraquece a ideia de resistência, apesar de compreender que, mesmo marginalizados, anseiam fazer parte daquilo e daqueles que os oprimem. “E enquanto esses ícones mundiais forem venerados entre os mais fracos, a liberdade nunca será plena e a pior dominação, a simbólica e ideológica, será sempre mantida” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 46).

Os desafios de analisar e compreender as determinações das manifestações de protestos no século XXI requerem lentes apuradas e destituídas de conceitos fechados de como os movimentos sociais se constituem e funcionam, a qual lado pertencem, se são de esquerda ou direita, se respondem a estímulos das mídias tradicionais ou de redes sociais. Categorias e conceitos deveriam ser revisados, reelaborados, caso contrário, poderão não dar conta de compreender os

movimentos multifacetados operantes na sociedade atual. Até porque eles têm se experimentado e se transformado com o decorrer das práticas cotidianas.

Por conseguinte, é possível reconhecer que cada época engendrou sua forma própria de mobilizar as pessoas, para que se somassem às lutas das causas defendidas. No século XXI, sem dúvida nenhuma, a internet ocupa um importante papel nesse processo de articulação e sensibilização entre as pessoas, sem que necessariamente se tenha um movimento social com trajetória histórica e/ou retórica de atuação. De fato, a Internet tem uma “importância crescente como esfera pública alternativa a dos meios de comunicação de massa” e, por vezes, faz o papel de informar com respeito e compromisso com o espectador as informações verdadeiras, sem que haja manipulação e supressão de fatos que comumente a mídia tradicional televisiva realiza. Sendo assim, a Internet também é apreendida pelos manifestantes e ativistas como um importante instrumento de construção e exercício de identidades; de expressão de protestos; de comunicação no e do movimento (DELLA PORTA, 2007). Tais características permitem que indivíduos e associações geograficamente distantes ou socialmente dispersas possam compartilhar problemas e interesses comuns, além de aparentemente ter “efeitos duradouros sobre os movimentos: da transparência de pelo menos parte do processo de decisão (todos têm acesso as informações na web) à ligação entre grupos heterogêneos pelas temáticas abordadas e geograficamente distantes [...]” (DELLA PORTA, 2007, p. 147).

No tempo presente, basta que as pessoas se somem às massas nas ruas, que os temas defendidos sejam também angústias ou problemas que o sujeito careça. Por isso, diferentemente do passado, onde repetidores subiam aos postes e gritavam palavras de ordem, convocando as pessoas para passeatas e discursos, a internet via redes sociais é o grande meio de articulação das manifestações. Os movimentos sociais são constituídos de diferentes direções, mas, sem dúvida, eles são, independentemente do tempo, um importante tensionador entre sociedade e estado. Neste sentido, hoje, conhecer os movimentos sociais presentes e operantes na sociedade contribuem para desmistificar pré-conceitos acerca dos mesmos e, também, para uma aproximação dos temas defendidos por eles, da forma como

buscam agir e serem ouvidos, mas principalmente compreender a relevância social das suas ações para o conjunto da sociedade. Frente a isso, o subcapítulo a seguir mapeará os movimentos sociais mais relevantes que atuaram no contexto internacional e nacional nestas últimas duas décadas, tratando de (re)conhecer suas principais características e efeitos nas sociedades.

### **3 CONCLUSÃO**

As manifestações de protestos insurgidas durante o primeiro quartil do século XXI evidenciaram este argumento, pois tratavam de reivindicar por direitos humanos, quais sejam: liberdade (primeira geração de direitos civis e políticos), igualdade (segunda geração de direitos sociais, econômicos e culturais) e fraternidade (terceira geração de direitos coletivos, transindividuais). Ou seja, as manifestações mais recentes trazem em si reivindicações de todas as ordens. Por isso, é fundamentalmente contraditório estabelecer unilateralmente “enquadramentos” acerca dos movimentos sociais mais contemporâneos, ou ainda afirmar que, por serem manifestações espontâneas ou pontuais, resultam em menor efetividade do que movimentos sociais consagrados e estabelecidos.

Posto isto, já foram observados movimentos sociais tradicionais somarem-se a manifestações de protestos recentes, pois acreditam e apoiam as reivindicações por elas defendidas, agregando mais força social e política à luta. É importante que se compreenda que uma das características mais singulares e significativas, do ponto de vista desta tese, sustenta-se na ideia de que qualquer sujeito pode e deve apoiar a manifestação pela qual se sinta representado. A liberdade de não estar associado necessariamente a uma organização política ou movimento específico; de determinado movimento social defender pautas diferentes daquelas que venha a apoiar em manifestações de protestos (de caráter pontual, ou não) é um dos legados que as insurgências mais contemporâneas deixaram para as lutas populares atuais e futuras. Para tanto, o erro das invariáveis e prévias definições reside em manter as análises presas a caracterizações fechadas, as quais bloqueiam a possibilidade de

acompanhar o processo do movimento dialético que expressa a complexidade e diversidade de configurações de manifestações de protesto.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas por uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DELLA PORTA, Donatella. **O movimento por uma nova globalização**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional** in FAZENDA, Ivani. Metodologia da Pesquisa Educacional. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **A sociedade brasileira em movimento**: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, Maio/Ago. 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

JASPER, James M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **"Se o governo só reage diante da violência, como impedir protestos violentos?"**. Publicado em 03 de novembro de 2013. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-11-03/se-o-governo-so-reage-diante-da-violencia-como-impedir-protestos-violentos.html> Acesso em março de 2018.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Os entregadores antifascistas querem apps solidários à causa. Por que é importante ouvi-los**. Publicado em 01 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.dmtemdebate.com.br/os-entregadores-antifascistas-querem-apps-solidarios-a-causa-por-que-e-importante-ouvi-los/>. Acesso em: 04 dez 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil,

2019.